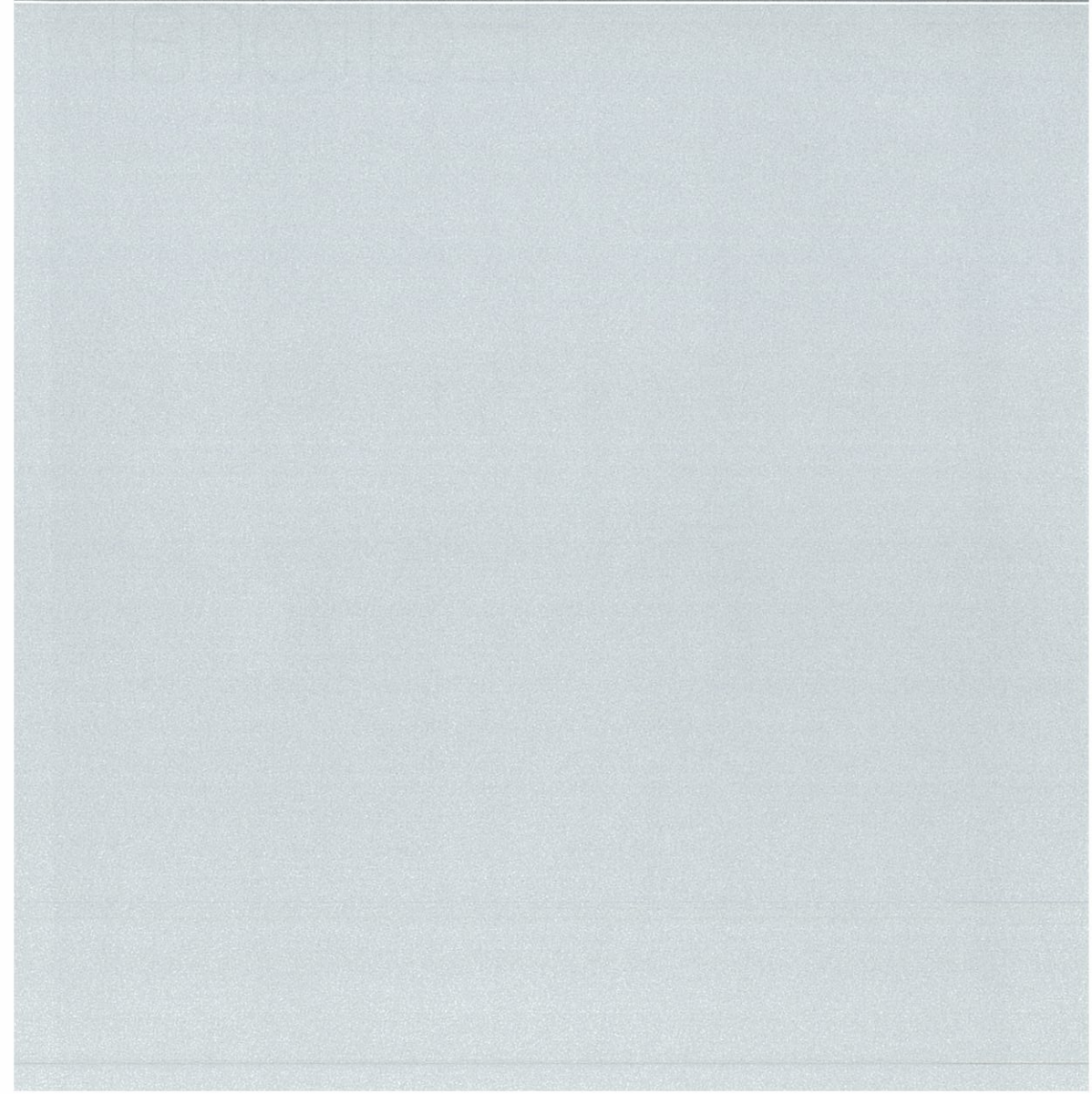
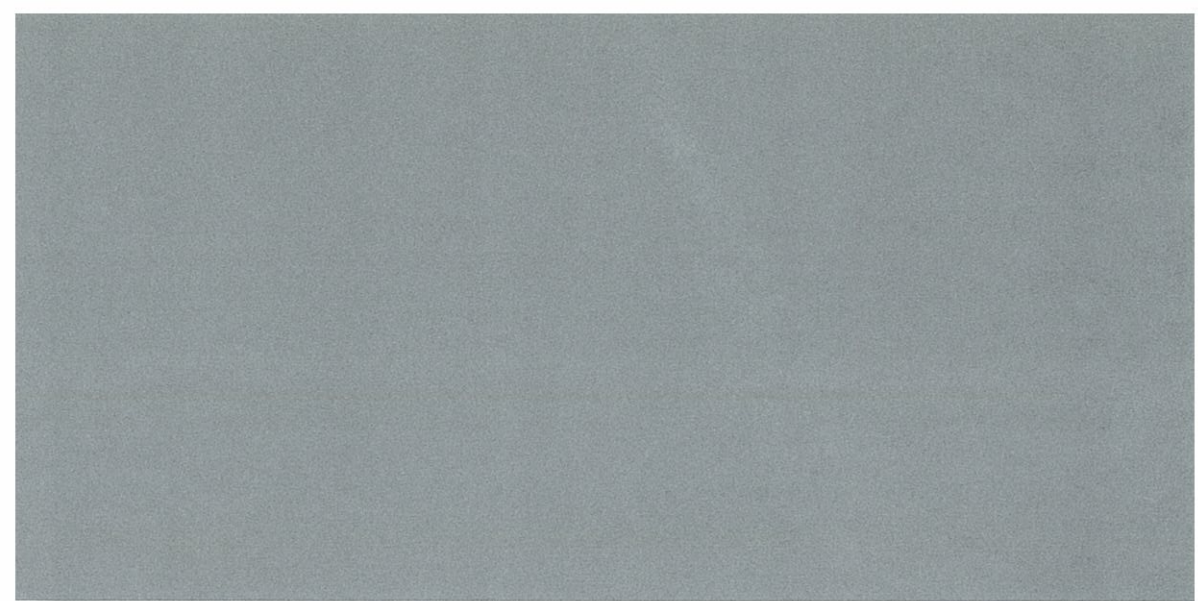




# Editorial





F r a n c i s c o R i b e i r o d a S i l v a

O título desta Revista «Douro – Estudos & Documentos» parece impor-lhe como marco original e invencível o âmbito local e regional. Na verdade, sendo órgão do GEHVID e dedicando-se este projecto desde início ao estudo da história da viticultura duriense e do vinho do Porto, não admira que o Douro surja como referência geográfica obrigatória. Cumprindo esse lema, não há nenhum número em que a região demarcada do Douro não ocupe lugar principal nas suas páginas.

Mas a obrigatoriedade não exige nem pressupõe a exclusividade. Não admira que, desde muito cedo (e muito bem), as páginas da Revista se tenham aberto para o estudo de «outros vinhos».

No tempo de globalização em que vivemos o local e o regional não são incompatíveis com o global. Assim, não é escandaloso nem exorbitante afirmar que a região demarcada do Douro é uma região vinícola do mundo. E que o vinho do Porto é verdadeiramente um vinho universal. Basta para isso que a marca se tenha tornado universal. Ora o «Porto» é isso mesmo e o Douro é uma região não apenas de Portugal e da Europa mas do mundo, com a particularidade de nela se criar um produto único. Acresce e é fundamental não esquecer que, sob o ponto de vista da paisagem natural, o Douro vinhateiro é expressamente «património da Humanidade». O local e regional converteu-se officiosamente em global e universal.

Daí que esta Revista, longe de ser uma publicação apenas de alcance local e regional, tem que aspirar à globalidade, tal como o vinho que foi e é o seu primário objecto de estudo.

Isso tem vindo a acontecer lentamente, não só quanto às línguas utilizadas nas suas páginas, onde o inglês, o francês e o espanhol têm tido guarida e aco-

lhimento, mas também quanto às matérias versadas. Se os vinhos do Douro são protagonistas, os de outras regiões têm sido aqui bem recebidos. Repare-se que neste número os vinhos de Málaga e da Madeira ocupam lugar de honra.

E se a história é a disciplina predominante, a interdisciplinaridade e a colaboração inter-universitária são características originais repetidamente afirmadas, mas que se pretendem aprofundar mais e mais. Os artigos deste número sobre silvicultura duriense e das qualidades terapêuticas do vinho são exemplos que se deverão estimular e multiplicar.

De qualquer modo, no campo da interdisciplinaridade e no da internacionalização a Revista tem ainda um longo caminho a percorrer. O nosso objectivo último é assumidamente o de fazer da Revista «Douro – Estudos & Documentos» uma publicação científica prestigiada e de referência mundial. Para isso, temos que estar preparados para aceitar que o inglês se torne no idioma dominante.

E não só. É necessário que os investigadores do GEHVID tenham orgulho nessa qualidade, trabalhem com afinco e se empenhem radicalmente em produzir trabalhos científicos de excelência, sem receio, se necessário, de os submeter previamente a um conselho de «referees». E sem esquecer que todos nós, direcção, conselho científico e investigadores deveremos aproveitar todos os ensejos para atrair colaboração nacional e internacional de alto nível. Não é verdade que participamos ou promovemos colóquios internacionais? Será que tiramos proveito institucional desses contactos? E não é certo que a web nos proporciona canais de comunicação e cooperação que não temos sabido aproveitar e explorar?

Difícil? Talvez. Mas essa é a condição da afirmação e talvez de sobrevivência, não só da Revista como do próprio GEHVID.